

A historiografia e a filosofia: os parágrafos introdutórios da obra de Salústio - dicotomia entre corpo e alma

Marlene Lessa Vergílio Borges

Graduação – USP

Orientador: Prof. Doutor Paulo Martins (USP)

É muito discutida a passagem do capítulo IX¹ da *Poética* em que Aristóteles fala sobre a diferença entre poesia e história afirmando que “a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história...”. A justificativa é que a poesia refere o universal, enquanto a história trata do particular; assim, o que é geral pode ser objeto de reflexão filosófica, o que é particular, não. Aristóteles considera objeto da poesia, por exemplo, a ação que uma categoria de homens realiza em determinadas circunstâncias. Já o que Alcibíades fez ou o que lhe aconteceu, não é objeto da poesia.

A palavra “história”, do grego *historia*, era utilizada pelos jônios do século VI a.C com o sentido de busca de conhecimentos, indagação, investigação, e não de narrativa. A história era então uma busca de conhecimentos muito próxima àquela que os atenienses mais tarde designariam Filosofia². Heródoto praticou as duas atividades, a investigação e a narrativa, e foi com Aristóteles que a palavra “história” passou a ser aplicada “ao produto literário ao invés de à pesquisa que o precedeu”³. Houve assim a cisão entre a investigação, concernente ao campo da ciência, e a atividade literária, concernente ao campo da arte, elementos que a concepção histórica de hoje volta a reunificar⁴.

Segundo J. Hardy⁵, Aristóteles, ao afirmar que a poesia é mais filosófica que a história, teve a intenção de referir-se ao historiador “como cronista, que conta simplesmente os fatos”, isto é, “aquilo que jamais será visto duas vezes”. Por outro lado, a afirmação de Aristóteles se justifica pela sua elevada consideração pela poesia.

Segundo explica Grimal⁶, Aristóteles considerava a poesia um ato de criação equivalente à criação natural; para ele, a única diferença entre a ação criada artisticamente e a ação natural é que a primeira será imediatamente inteligível, enquanto a segunda somente o será pelo sábio, capaz de penetrar as causas secretas. Sendo o universo artístico idêntico ao universo inteligível, esta é a razão pela qual a poesia será “mais filosófica do que a história”⁷. A poesia, por representar as coisas com verossimilhança e necessidade, se aproxima mais do conhecimento universal e necessário que constitui a filosofia do que a história, que se dirige ao particular.

A filosofia grega adentra ao mundo romano principalmente pelas mãos de Cícero, que a considera um apoio fundamental para a eloquência. No *Orator* (14-16), Cícero assevera que sem a filosofia não se pode obter o orador perfeito, pois, sem ela, não pode o orador falar com amplitude e abundância sobre temas de envergadura e variedade. Sem uma formação filosófica, o orador não pode distinguir o gênero e a espécie de alguma coisa, defini-la ou classificá-la, nem julgar o que é verdadeiro ou falso, distinguir o contraditório e o ambíguo. Além do mais, a filosofia proporciona o conhecimento do mundo, dos deveres, da virtude, dos costumes, o que representa vasto material à disposição do orador. No *Orator*, 115, Cícero fala da importância de o orador conhecer a arte da dialética, para que possa explicar, discutir, estabelecer relações lógicas entre as coisas. No parágrafo 118, da mesma obra, Cícero diz que o orador tem de conhecer não só a dialética, mas todos os temas da filosofia.

Vemos, desse modo, que Cícero atribuía um valor à filosofia que estava relacionado ao suporte teórico e metodológico que ela propiciava ao orador, e, principalmente, às suas doutrinas no campo da ética. Qual seria, no entanto, o papel da filosofia junto à história? A história, na Grécia e Roma antigas, era tratada no âmbito da retórica e estava submetida às suas normas de construção e organização do discurso.⁸ Inserida no gênero demonstrativo da retórica, a história tinha, do mesmo modo que esse gênero, função didática e de exortação moral.⁹ Para cumprir tais funções, a história tinha o dever de ser persuasiva. Cícero, nesta passagem do *De Oratore*, considera que a tarefa da história é, acima de tudo, obra de oradores:

A história, na verdade, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da antiguidade, com que palavras, a não ser a do orador, será confiada à eternidade?¹⁰

Pela estreita ligação que havia entre a história e a filosofia, podemos afirmar que a filosofia era tão necessária ao discurso histórico como o era para o discurso retórico. Pois o historiador necessitava do seu repertório de teorias já consolidadas e de sua metodologia investigativa para interpretar a natureza dos eventos, explicá-los e fornecer os conselhos morais que lhe competia e que era próprio do seu gênero de discurso. Contudo, na opinião de Cícero, até por volta de 50-46 a.C não havia em Roma uma história que pudesse se equiparar à dos historiadores gregos, como Heródoto e Tucídides.¹¹ A eloquência romana estava toda direcionada aos tribunais. Por essa razão, a história, que dependia não só do talento do orador, mas do seu tempo livre, aguardava um hábil autor que a alçasse da condição de mero registro analítico à de história ornada, retoricamente construída.¹² Isso vai ocorrer com Salústio.

Caio Salústio Crispo foi um historiador do período final da República romana, contemporâneo de Cícero. Salústio, como ficou conhecido na posteridade, compôs uma narrativa particular e inovadora, sob diversos aspectos, introduzindo em sua exposição certo número de ideias morais e filosóficas extraídas, em grande parte, de Platão. Escreveu duas monografias, *Conjuração de Catilina* e *Guerra de Jugurta*, nas quais trata de um evento histórico único, colocando em evidência um personagem central marcante. Sua escrita se baseava na análise, diferentemente dos seus antecessores, que apenas narravam cronologicamente os eventos. Escreveu o tipo de história ornada que Cícero havia preconizado (como na carta a Luceio, em que pede ao amigo que escreva a história do seu consulado por meio de um enredo uno, capaz de comover o leitor). Quanto à elocução, Salústio opunha sua brevidade e concisão ao estilo abundante e simétrico de Cícero. Salústio foi detentor de cargos políticos e administrativos no período final da República romana. Cultivado nas letras gregas e latinas, conhecia também retórica e filosofia. Após o assassinato de

César, de quem era partidário e amigo, Salústio, isolado e sem apoio, não teve outra saída senão abandonar a carreira política. No prólogo da monografia dedicada a Catilina, ele se dirige aos leitores e explica o motivo de sua retirada da cena política como sendo um imperativo moral¹³, a saber, a retomada de um projeto antigo de servir à pátria como historiador:

... retornando àquele começo e àquela inclinação de que me afastara a funesta ambição, decidi escrever a história do povo romano, colhendo por episódios, conforme me parecesse cada um digno de memória. (4.2)¹⁴

O Prólogo que antecedia as obras históricas era equivalente ao *Exordium* do discurso retórico, e tinha, como este, a função de tornar o leitor favorável à recepção da obra. Normalmente, continha explicações do autor quanto aos propósitos do seu trabalho e quanto à sua metodologia. Salústio, porém, vai compor prólogos bem distintos dos habituais.

O tema central do prólogo da *Conjuração de Catilina*, como também o da *Guerra de Jugurta*, é a busca da fama e da glória por meio da virtude, tarefa que, segundo Salústio, compete a todo verdadeiro homem realizar no percurso da vida. A *virtus*, a virtude romana, ocupa papel central na discussão de Salústio, que vai atribuir a ela ou a sua falta, respectivamente, a vitória ou a decadência da sociedade. A *virtus*, cujo sentido etimológico é força, vigor, próprios do *vir*, é, para Salústio, a força do engenho (*ingeni opibus*), uma disposição natural que deve ser cultivada para que o homem possa se sobressair aos restantes animais.

A busca da glória evidencia o modo de pensar típico da ética republicana tradicional em Roma: somente a pessoa que estivesse a serviço da pátria poderia alcançar a glória e a imortalidade. E os dois meios principais de servir à pátria eram ou o exército ou a política. O trabalho intelectual não era prestigiado, exceção feita à retórica, que estava a serviço dos tribunais e da política. A palavra *virtus*, de sentido amplo entre os romanos, compreende as qualidades de quem se comporta virilmente na guerra, é sóbrio e laborioso na paz e não se deixa dominar pelas paixões, virtudes

concernentes ao cidadão relacionado a um grupo, e não abarcam, portanto, a qualidade contemplativa, individual.¹⁵ Por essa razão, Salústio sentiu a necessidade de justificar ao leitor o seu afastamento da vida política para escrever história, o que fará por meio do prólogo de sua primeira monografia, *A Conjuração de Catilina*. E o modo como o fará, partindo de reflexões filosóficas retiradas das doutrinas platônicas, tem o efeito de tornar seu discurso mais consistente, persuasivo, de modo a obter a aceitação do público. Uma vez que a filosofia se ocupa da verdade, sua união com a história aportaria a esta a necessária verossimilhança, requisito do discurso retórico. A criação de um *ethos* filosófico, portanto, visava à obtenção da *fides*, a credibilidade do leitor.

Além disso, as ideias filosóficas serão utilizadas também para dar suporte aos preceitos morais e políticos que se seguirão, não só nos prólogos, como ao longo dos textos de *A Conjuração de Catilina* e *Guerra de Jugurta*. Assim, logo no início do prólogo de *Catilina*, Salústio contrasta a natureza humana com a dos animais, dos quais o homem se distingue pela posse da alma (intelecto, parte pensante), que governa suas ações. A alma, elemento imaterial, o homem possui em comum com os deuses; o corpo, componente material, em comum com os outros animais. À alma compete dominar o corpo; este, com seus instintos e suas necessidades, deverá estar submetido à direção da alma. Devemos à força da parte imaterial de nosso ser todo o progresso nos diversos ramos da atividade humana, e é ela que nos conduz ao sucesso e à glória. Salústio insiste em afirmar a supremacia da alma sobre o corpo, bem como, a superioridade de tudo que o homem produz através dela. Tal ideia lhe é valiosa para que possa exaltar a dignidade da atividade do historiador frente às demais atividades do espírito. Assim, dirá no prólogo à *Guerra de Jugurta*: “De todos os outros exercícios de espírito, o mais útil é o de transmitir à posteridade os feitos dignos de memória”.¹⁶ Não só a atividade do historiador é superior às demais atividades intelectuais, como também é a mais útil ao Estado. Daí a afirmação de que “... deste meu ócio virá mais proveito à república, do que das fadigas dos outros”.¹⁷

As obras produzidas pela força do corpo são, como ele, frágeis e fugazes. As obras produzidas pela força da alma são, como ela, perenes. Por isso, o homem deve

procurar a glória pela força da alma, por intermédio de feitos ilustres que o tornarão imortal. Esse é o modo pelo qual o homem pode compensar a inexorável corrupção e morte do corpo: buscando a glória com o vigor do espírito. Conselhos que Salústio não só oferece, mas põe em prática, pois vai buscar, através dos seus escritos, a glória como historiador, já que não a obteve pela política.

Apoiado em estudos de Egermann¹⁸, Perrochat mostra que as concepções filosóficas de Salústio foram extraídas diretamente (embora não exclusivamente) de textos platônicos, em especial, da *Carta VII de Platão*, do *Fédon* e da *República*. Haveria uma evidente semelhança de contexto entre a carta VII de Platão e as declarações de caráter biográfico do prólogo de *Catilina*. Neste, Salústio descreve sua passagem da vida política à carreira de historiador. Na carta VII, Platão relata sua evolução da política ativa à filosofia política. Nos dois casos, os autores revisitam suas lembranças da juventude, suas experiências e desilusões com a política. Dois aspectos principais foram inspiradores a Salústio, continua Perrochat: trata-se do fato de que a carta contém, ao mesmo tempo, uma parte que se refere à vida pessoal de Platão, outra que consiste em conselhos filosóficos a propósito da situação política. Salústio fará uso desse mesmo expediente. O mais patente exemplo de empréstimo às doutrinas platônicas são estes dois trechos que aparecem no início de *Catilina*, extraídos de duas diferentes passagens de Platão, que aqui citamos para efeito comparativo:

Conjuração de Catilina, I, 1:

Convém que todos os homens que se esforçam por sobrepor-se aos restantes seres se apliquem, com sumo empenho, para que não passem a vida silenciosamente como os animais, que a natureza tornou inclinados para a terra e escravizados a seu ventre¹⁹.

Platão, *República* 586 a-b, (Diálogo entre Sócrates e Glauco):

Logo, os que não têm experiência da sabedoria e da virtude, que estão sempre em festas e diversões semelhantes, são levados, ao que parece, para baixo, e depois, novamente, até à região intermédia, e por aí andam errantes pela vida, sem jamais ultrapassarem esse limite, erguendo os olhos ou elevando-se até o verdadeiro alto, nem se encherem do Ser, realmente, nem

provarem o que é um prazer sólido e puro; mas, olhando sempre para baixo, à maneira dos animais, inclinados para o chão e para a mesa, engordam e acasalam-se (...) ²⁰.

Conjuração de Catilina, I, 2:

Ora, toda a nossa força reside na alma e no corpo, a alma usamos para comandar, o corpo, mais para a obediência; a primeira nos faz semelhantes aos Deuses, o outro é comum aos animais...

Platão, *Fédon* 80 a 1, (Diálogo entre Sócrates e Cebes):

Ora, repare ainda nisto: quando o corpo e a alma estão juntos, a natureza impõe àquele que seja escravo e obedeça, e a esta, que tome as rédeas e comande; nesta ordem de ideias, qual deles, uma vez mais, te parece idêntico ao divino, e qual deles te parece idêntico ao mortal? ²¹

Como se pode observar, Salústio transpõe para o seu texto as duas ideias platônicas centrais: a do homem que não cultiva o espírito e por isso se equipara aos animais; a da constituição do ser humano em duas naturezas: corpo e alma, esta de natureza divina, aquela de natureza animal.

Segundo observa Grube ²², a concepção da alma como a parte mais elevada do homem tem suas origens nas doutrinas órficas, que concebiam o corpo como túmulo da alma. O destino do homem seria a purificação da alma por meio das reencarnações. Tais doutrinas acabaram por influenciar os pitagóricos, para quem a *psyche* imortal era a potência intelectual do homem, e a purificação se dava pela educação científica. Teria vindo dessas doutrinas pitagóricas a ideia expressa no *Fédon* de que o intelecto é a parte mais nobre do homem, a qual atinge seu mais alto grau de elevação através do conhecimento.

No *Fédon*, Platão expressa um dualismo que resulta na mais radical separação entre alma e corpo. Pela boca de Sócrates, afirma ser o corpo um obstáculo ao conhecimento, por andar sempre ocupado com suas próprias necessidades. E vai além, ao dizer: "... as guerras, as lutas, as discórdias, quem as fomenta a não ser o corpo, ele e os seus apetites?" ²³ Para o Sócrates platônico, a alma é responsável por dirigir a vida humana, governando e controlando o corpo e suas paixões. Este seria o sentido da vigilância da alma, objetivo do indivíduo e do Estado ²⁴.

Percebe-se, portanto, claramente, a correspondência entre as ideias filosóficas de Platão e as expressas por Salústio, no tocante: à dicotomia entre corpo e alma; à superioridade desta em relação ao corpo; à aproximação da alma com o divino; à comparação do homem entregue aos prazeres do corpo com os animais. Fica também evidente que tais concepções calham perfeitamente ao propósito salustiano de escrita de uma história com intenções morais. A partir das reflexões filosóficas que instaura, ele descreverá a corrupção dos costumes, elaborará censuras e oferecerá conselhos aos seus leitores, visando à elevação moral dos indivíduos e da sociedade como um todo. Postura que, sendo sincera ou não, de qualquer modo vinha ao encontro do seu desejo de conquistar admiração e honra.

No entanto, ressalvas têm que ser feitas, afirma Perrochat²⁵, quanto à concepção moral e política dos dois autores. Para Platão, o representante da moral e o governante do Estado são filósofos. Para Salústio, diferentemente, os homens de Estado são dotados da virtude prática romana. Segundo essa concepção, o melhor homem de Estado se identifica ao melhor homem do exército. Perrochat afirma ainda, evocando M. Rambaud²⁶, que a moral de Salústio é, sobretudo, uma moral da ação, em que o homem superior é aquele que alia a sua força física à sua força moral. Desse modo, a *virtus* e a *sapientia* não têm em Salústio o caráter teórico que têm em Platão.

Como consequência dessas concepções morais díspares, temos que: para Platão, o fim da existência humana é o conhecimento; para Salústio, o fim é a glória pelo caminho da virtude.

Considerações finais:

Tecemos alguns comentários sobre a relação entre história e filosofia, especialmente, como ela aparece no texto historiográfico de Salústio. Partimos da assertiva aristotélica de que “a poesia é mais filosófica do que a história”, procurando compreender as motivações de tal proposta. Consideramos que tal afirmação pode ser atribuída a duas causas principais: a concepção que Aristóteles tinha da história, vista apenas como registro cronológico de eventos; e o elevado conceito que

atribuía à criação artística, especialmente a realizada por intermédio da linguagem, a saber, a poesia. Desse ponto de vista, a história é menos filosófica do que a poesia porque se atém ao mundo sensível, enquanto esta abarca o mundo inteligível.

Observamos, também, que a história no tempo de Cícero era subordinada ao gênero demonstrativo da retórica. Cícero considerava que Roma ainda não possuía um historiador à altura dos historiadores gregos; preconizava um novo tipo de história, organizada segundo preceitos retóricos e poéticos e considerava a filosofia um imprescindível apoio para o orador, o qual necessitava de seu arsenal teórico para construir seus discursos. Desse modo, vimos que a filosofia tinha uma ligação com a história através da retórica.

Na sequência, observamos como se comporta a historiografia de Salústio em relação à filosofia. O modo de fazer história desse historiador romano do final da República mistura influências de autores gregos e romanos com o uso livre de seu talento pessoal, produzindo uma narrativa distinta daquela de seus antecessores; primeiramente, em virtude do gênero histórico pelo qual optou, a monografia, e depois, pela sua maneira de estruturar a narrativa. Observa-se, a partir de sua obra, que passa a não haver grande diferença entre as composições históricas e as composições poéticas, no que diz respeito ao modo de narrar. O elemento “criação”, ausente na concepção antiga de história, que a tornava menos filosófica que a poesia, passará a fazer parte do novo modelo de narrativo. No cap. XXIII da *Poética*, Aristóteles diz que

a estrutura da poesia épica não pode ser igual à das narrativas históricas, as quais têm de expor não uma ação única, mas um tempo único, com todos os eventos que sucederam nesses períodos a uma ou a várias personagens, eventos cada um dos quais está para os outros em relação meramente casual (1459 a,148).

Pois a monografia de Salústio se aproxima muito do discurso poético e se distancia da concepção acima mencionada por Aristóteles. Sua narrativa forma uma unidade, com linguagem ornamentada e nexos causais entre as ações, sem descuido

quanto à verossimilhança. Sendo história, não deixa de ser uma criação artística. Além disso, introduz em sua historiografia postulados filosóficos, sobretudo platônicos, por meio dos quais reflete sobre questões morais, sociais e políticas. Demonstra que sua história é sim filosófica, uma vez que é história pensada e não simplesmente narrada.

No final do século XVII, início do XVIII, o pensador napolitano Giambattista Vico atribuiu importância vital à união estreita entre filosofia e história, sob pena de uma ficar vazia sem o auxílio da outra.²⁷ No Iluminismo francês, “as relações entre história e filosofia são tão íntimas que às vezes as duas palavras chegam a ser sinônimas”.²⁸ O pensador Benedetto Croce afirma que “filosofia histórica é uma redundância”, pois ele não crê que possa existir uma historiografia não filosófica”.²⁹ Ao observar a história recente, constatamos que nela também há um apreço pela filosofia como apoio para a história. É Veyne quem afirma que “todo historiador é implicitamente um filósofo, já que decide o que reterá como antropologicamente interessante”³⁰. Ao considerar o valor da atitude filosófica para aquele que pensa a história, Veyne conclui, citando Aron, que: “... quem não busca sentido à existência, não o encontrará na diversidade das sociedades e das crenças”.³¹

NOTAS

¹ (...) não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. (*Poética*, 1451 a, 36).

² Shotwell, James T. *A interpretação da história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 33.

³ *Id., Ibid.*

⁴ *Id.*, p. 34.

⁵ Hardy, J. *Poétique*. Tradução e estabelecimento do Texto. Paris: Les Belles Lettres, 12^a ed., 1952, p. 42.

⁶ Grimal, *Essai sur l'art poétique d'Horace*. Paris: Sedes, p. 44.

⁷ Transcrevemos as palavras de Grimal: “Il n'aura, entre l' action artistiquement créé et l'action naturelle, qu'une seule difference, c'est que la première sera immédiatement intelligible, tandis que

l'autre ne le deviandra que pour le savant, capable de pénétrer les causes secrètes. L'univers de l'art est identique à l'univers intelligible. Pour cette raison, la poésie sera plus philosophique que l'histoire.”

⁸ Joly, Fábio Duarte. *História e Retórica – Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007, p.8.

⁹ Ambrosio, Renato. *De rationibus exordiendi: os princípios da história em Roma*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2005, p. 33.

¹⁰ *De Oratore* II, 36, pelo personagem do diálogo, Marco Antônio, *Apud* Ambrosio, *Op. Cit.* p. 30.

¹¹ Ambrósio, R. *Op. Cit.*, p. 35.

¹² *Idem*, p.37.

¹³ Mazzolani, L. S. *La Guerra de Jugurta*. Prefazione, Traduzione e note. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli–BUR, 1983.

¹⁴ Tradução: Novak, M. da G., Neri, M.L., Peterlini, A. A. (ORG.). *Historiadores Latinos. Antologia Bilingue*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 61.

¹⁵ Mazzolani, L.S. *Id., ibid.*

¹⁶ *Guerra Jugurtina*, Prólogo, Trad. de Barreto Feio. São Paulo: Edições Cultura, s/d.

¹⁷ *Id. Ibid.*

¹⁸ *Apud* Perrochat, Paul. *Les Modèles Grecs de Salluste*. Paris: Les Belles Lettres, 1949, p. 45.

¹⁹ Os textos em português de *A Conjuração de Catilina* foram extraídos de *Historiadores Latinos, Antologia Bilingue*. Novak, M da G., Neri, M. L., e Peterlini, A. A., Organizadores. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

²⁰ Platão. *A República*. Intr., trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª Ed. Lisboa: Fund.Calouste Gulbekian, 1993, p. 439.

²¹ Platão. *Fédon*. Intr. versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Avevedo. Brasília: Ed. UNB. :São Paulo: Imprensa Of. Estado., 2000, p. 62.

²² Grube, G.M.A. *El Pensamiento de Platon*. Madrid; Ed. Gredos, 1987. p. 190.

²³ *Fédon*, 66b, *Op. Cit.*

²⁴ Grube, id. p.190.

²⁵ Perrochat, *Op. Cit.* p.59.

²⁶ *Id. Ibid.*

²⁷ Vico. Giambattista. “Princípios de (uma) Ciência Nova” in: Vico. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.34.

²⁸ Carbonell, C.O. *La Historiografía*. México; Fondo de la cultura econômica, 1986. p. 95.

²⁹ Croce, B. *La Historia como Hazaña de La Libertad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 168.

³⁰ Veyne, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 7.

³¹ *Id.* p.8

BIBLIOGRAFIA

AMBROSIO, Renato. *De rationibus exordiendī: os princípios da história em Roma*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2005.

ARISTÓTELES, Vol.II, *Poética*. Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

CARBONELL, Charles Olivier. *La Historiografía*. México: Fondo de la cultura económica, 1986, 3ª reimpressão 2005.

CHIAPPETA, A. “Não diferem o historiador e o poeta... O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho.” *Língua e Literatura*, n.22, p. 15-34, 1996.

CÍCERO. *De Oratore*, Texte établi et traduit par Edmond Corbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

_____ *El Orador*. Clásicos de Grecia y Roma. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

CLARKE, M.L. *The Roman Mind. Studies in the history of thought from Cicero to Marcus Aurelius*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1956.

CROCCE, Benedetto. *La Historia como hazaña de la libertad*. México: Fondo de la cultura econômica, 2ª Ed. 1960, 4ª reimpressão 1992.

GRIMAL, P. *Essai sur l'art poétique d'Horace*. Paris: Sedes.

GRUBE, G.M.A. *El Pensamiento de Platon*. Madrid; Ed. Gredos, 1987.

HARDY, J. *Poétique*. (Tradução e estabelecimento do Texto). Paris: Les Belles Lettres, 12ª Ed.,1952, p. 42.

MAZZOLANI, L. S. *La Guerra de Jugurta*. Prefazione, Traduzione e note. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli-BUR, 1983.

PERROCHAT, Paul. *Les Modèles Grecs de Salluste*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

PLATÃO. *A República*. Intr., trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª Ed. Lisboa: Fund.Calouste Gulbekian, 1993, p. 439.

_____ *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Brasília: Ed. UNB Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000

SALÚSTIO. “A Conjuração de Catilina”. In: *Historiadores Latinos: antologia bilíngue*. NOVAK, M. da G., Neri, M.L., Peterlini, A. A. (ORG.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ *Guerra Jugurtina*. Trad. de Barreto Feio. São Paulo: Edições Cultura, s/d.

_____ *De Catilinae Coniuratione*. (Edição e Notas de Enrica Malcovati). G.B.Paravia & C. s/d.

SYME, Ronald. *Sallust*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1964.

USHER, S. *The historians of Greece and Rome*. Norman, Oklahoma, University of Oklahoma Press, Bristol, Bristol Classical Press, 1969.

VEYNE, P. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 7.

VICO, G. *Princípios de (uma) ciência Nova*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.



Recebido para publicação em Agosto de 2009
Aprovado para publicação em Agosto de 2009